

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

158

INSCRIÇÕES 624-626



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ESTELA FUNERÁRIA DE SUL (S. PEDRO DO SUL)
(*Conventus Scallabitanus*)

Em 2005, foi objecto de obras a Capela de Santa Ana, situada na povoação de Aldeia, freguesia de Sul, concelho de S. Pedro do Sul, erigida entre finais do século XVIII e inícios de Oitocentos, mas em data incerta, pois não se conhece documento que o precise. Em 1894, foi construída a torre sineira, possivelmente com um relógio de sol na fachada; mais tarde, certamente já no século XX, foi-lhe colocado um relógio na fachada lateral norte (FIG. 1).

O descasque total das paredes tornou visível, incorporada ao lado direito da porta de entrada do templo (FIG. 2), uma estela funerária romana, que tinha, felizmente, o texto voltado para o exterior. Nem sempre o bom senso prevalece; mas, aqui, os operários houveram por bem – ainda que desconhecendo por completo o significado do que lá estava escrito – considerar ‘sagrada’ a epígrafe e, por isso, a deixaram à mostra. O estudo que venha a fazer-se sobre a história desta capela poderá, eventualmente, trazer novas luzes acerca desta promissora reutilização.

De granito branco acinzentado, de grão médio, a estela apresenta acima da epígrafe uma decoração, se assim pode chamar-se-lhe dado o seu carácter invulgar, constituída por três bandas paralelas, na perpendicular, cavadas, que aparentam ser contemporâneas da gravação, não se vislumbrando qualquer sinal de letras subjacentes. Na verdade, poderia pensar-se na existência da invocação aos deuses

Manes, que teria exactamente três siglas, que assim teriam sido apagadas. Não é crível, porém, essa hipótese: primeiro, porque, como se disse, não subjazem vestígios; depois, porque a inscrição (Fig. 3) é datável dos primórdios do século I da nossa era – pela paleografia e pelo texto (nome do defunto em dativo, como se se tratasse de inscrição dedicatória, ausência de menção da idade e das fórmulas funerárias finais). Trata-se, no fundo, da homenagem póstuma feita pelos filhos a seu pai e eles próprios não se identificam, o que aponta para a simplicidade das epígrafes dessa época.

É plausível que esta não tenha sido a forma original da estela, amputada de todos os lados para melhor se enquadrar no aparelho característico das paredes.

Será este, porventura, o primeiro dado acerca de eventual presença romana no termo desta povoação, uma vez que nada se conhece próximo. Desconhece-se, por conseguinte, donde poderá ter vindo, como mero material de construção.

Dimensões: 68 x 37.

Campo epigráfico: 53 x 37.

CELTIO / CATVR/ONIS · F(*ilio*) / FILI(i) F(*aciendum*) ·
C(*uraverunt*)

A Céltio, filho de Caturão – os filhos mandaram fazer.

Altura das letras: 7. Espaços: 1: 5; 2-5: 4; 5: 5.

Note-se a regularidade do conjunto, uma epígrafe bem paginada, com alinhamento à esquerda e à direita, em «caixa», denunciando as serifas do V, por exemplo, a possibilidade de ter havido prévias linhas auxiliares. Gravação feita com goiva. Pontuação de ponto redondo, apenas omissa após FILI.

Caracteres a denotarem tendência para a monumental quadrada, patente na perfeita circularidade do O, nas barras breves e horizontais o T e do E, na verticalidade do I. O A é levemente inclinado para trás e detém travessão curvo côncavo, que corta, graciosamente, a haste da direita, uma forma que ainda não encontráramos na epigrafia lusitana e que tem paralelo no primeiro A que Battle apresenta como

sendo do «abecedário cursivo de Pompeia»¹; o R foi gravado a partir de um P, tendo o granito lascado no momento da gravação; S simétrico, ligeiramente inclinado para diante; na l. 4, a barra superior do F alonga-se para apanhar o vértice do I.

De grande simplicidade, o texto identifica o defunto à maneira indígena: nome único e patronímico. Tanto *Celtius* como *Caturo* são antropónimos muito frequentes na Lusitânia: detectámos, em 2003, cerca de 30 testemunhos de *Caturo*² e 23 de *Celtius*³. José María Vallejo dedica grande atenção ao nome *Celtius*⁴, confirmando a sua predominância no território lusitano. Quanto a *Caturo*, é igualmente um antropónimo aí muito comentado⁵, situando-se na região lusitano-galaica a sua maior área de concentração.

Saliente-se o facto, já referido, de os dedicantes terem querido que, no epitáfio do pai, apenas figurem como “filhos”, sem identificação individual, o que, segundo a pesquisa que fizemos em HEpOL⁶, se enquadra bem na simplicidade dos textos em ambiente indígena dos princípios do século I, uma vez que os defuntos vêm identificados segundo o hábito indígena e com onomástica corrente em território da Lusitânia⁷.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO

JORGE ADOLFO M. MARQUES

¹ BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946. 2ª edição, 1963, p. 9, fig. 1.

² NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, mapa 84, p. 137-138.

³ *Ibidem*, mapa 87, p. 140. Há um mapa de distribuição deste antropónimo na *Hispania*, na revista *Veleia*, 4, 1987, p. 141.

⁴ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005 – vide índice (p. 763) e, de modo especial, as páginas 274 a 277.

⁵ Vide índice (p. 762) e, de modo especial, as páginas 267 a 271.

⁶ HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*, acessível em: <http://eda-bea.es/>

⁷ Sirvam de exemplo as epígrafes que ali vêm mencionadas sob os seguintes números de registo: 140 (*Proculus Pellicus*); 18 183 (*Norbanus Severinus*); 18 967 (*Maelo Bouti f. Taporus*); 20761 (*Vicanus Talabari*); 25 751 (*Sunua Lubaeci*); 26 257 (*Maxumus Muntani*).



1

625



2



3